

## As eleições parlamentares de 1974 e as clivagens na Arena e no MDB baianos

---

 André Teixeira Jacobina

Mestre em História Social  
Universidade Federal da Bahia

---

### Resumo:

O presente artigo analisa primeiramente o significado das eleições parlamentares de 1974 em âmbito nacional, destacando as diferentes interpretações de autores que se dedicaram a analisar o período. Em seguida, analisa os resultados eleitorais na Bahia, a fim de buscar relações com o contexto nacional e ressaltar especificidades locais. Por fim, destaca que, durante a ditadura militar, mesmo com todas as restrições do contexto no período, as eleições parlamentares foram momentos de confronto em que as divisões nos partidos ficaram mais evidentes. As divisões internas no MDB e na Arena baianos são examinadas na sua relação com o processo eleitoral em 1974, que ocorre em meio à distensão do regime militar.

---

### Palavras-chave:

Brasil – história – ditadura militar, 1964-1985  
Brasil. Congresso Nacional – eleições [1974]  
Bahia – partidos políticos

Este artigo é um desdobramento de parte de minha dissertação de mestrado, *Clivagens partidárias: Arena e MDB baianos em tempos de distensão*. Baseado em um trecho do capítulo III, algumas alterações foram feitas para se adaptar ao formato de artigo, e outras de conteúdo, para fornecer lógica, já que o resto da dissertação não está presente. Cabe agradecer a minha orientadora Maria Cecília Velasco, além dos funcionários da Biblioteca da Assembleia Legislativa da Bahia e da Biblioteca Central dos Barris.

## Resultados nacionais e as interpretações do significado das eleições parlamentares de 1974

O Movimento Democrático Brasileiro (MDB) saiu vitorioso das eleições parlamentares de 1974. Acerca disso há um relativo consenso, mesmo que Lamounier faça a ressalva de que essa vitória deve ser compreendida no sentido das expectativas frustradas da Aliança Renovadora Nacional (Arena) e do crescimento significativo obtido pelo MDB.<sup>1</sup> O MDB obteve dezesseis das vinte e duas cadeiras do Senado em disputa, crescendo também na Câmara dos Deputados, pois em 1970 obteve oitenta e sete cadeiras e em 1974 conquistou cento e sessenta e uma, enquanto a Arena desceu de duzentas e trinta e três para duzentas e três cadeiras.<sup>2</sup> O crescimento do MDB em 1974, especialmente quando comparado ao das eleições de 1970, foi significativo. Se isso significava identificação com o partido, uma oposição à ditadura ou apenas o comportamento eleitoral típico do brasileiro (quando votando em condições de menor excepcionalidade), há debate.

Lamounier entende que havia identificação forte de segmentos da sociedade com o MDB, e tal identificação passaria por uma associação desse partido com a população mais pobre, assalariada. Já a Arena teria uma associação com os ricos, os que não queriam renovação.<sup>3</sup> O MDB remeteria também à defesa de eleições diretas e, como pudemos observar na Assembleia Legislativa da Bahia, algumas de suas lideranças de fato abraçavam essa causa. Maria D'Alva Gil Kinzo aponta que a descrição "mais acurada do perfil do MDB naquele período é dada por Lamounier, por frisar a forte identificação partidária com o MDB que as pesquisas de opinião haviam constatado".<sup>4</sup>

1 Bolívar Lamounier, Amarin Neto e J. L. de Matos Dias, "Regime Militar", in: Brasil. Ministério das Relações Exteriores, *Organização política*, <http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/consnac/orgpol/periodos/regmil/apresent.htm>, acesso em 10/05/2008. "Ainda em 1974, realizaram-se eleições para o Congresso, num momento em que ninguém duvidava de mais uma tranquila vitória do partido do governo, a Arena. O resultado foi o inverso: uma rotunda derrota para o governo. O MDB cresceu de 12% para 30% do Senado, conquistando 16 das 22 cadeiras em disputa e de 28% para 44% na Câmara dos Deputados".

2 Maria Helena Moreira Alvez, *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*, Petrópolis, Vozes, 1985, p. 189.

3 Bolívar Lamounier, "O voto em São Paulo, 1970-1978", in: *Voto de desconfiança*, São Paulo, Símbolo, 1980, p. 39.

A autora, no entanto, se também via identificação da população com o MDB, relativiza em parte a interpretação classista exposta por Lamounier. Para ela, o objetivo do MDB era questionar a própria existência do regime militar, em vez de “representar ou canalizar interesses de classe”.<sup>5</sup> Aliás, seria justamente esse objetivo mais amplo que teria permitido que o partido agregasse forças políticas de tantos diferentes matizes sob a mesma bandeira da luta pelo restabelecimento da democracia. Com isso se percebe a variação e a complexidade do debate, pois existem nuances mesmo entre os estudiosos que veem identificação da população com o MDB.

Eliézer Rizzo Oliveira, por sua vez, vê os resultados de 1974 da seguinte maneira: “podemos dizer com Raymundo Faoro que as eleições de 1974 foram as primeiras a ‘demonstrar o repúdio ao sistema militar, de forma clara e nítida’. Inverteu-se assim o caráter plebiscitário. Antes, afirmação do regime militar: agora, repúdio a esse mesmo regime”.<sup>6</sup> Para esses dois últimos autores, as eleições parlamentares de 1974 sinalizavam muito mais um protesto contra o regime do que identificação com o MDB. O MDB estaria canalizando votos de insatisfação com o regime, e não aprovação do partido de oposição em si.

Fernando Henrique Cardoso reforça essa ideia ao defender que o MDB teve “um papel que foi menos o de representar os interesses de grupo ou de classe definidos, e mais de simbolizar um protesto”, claramente contrapondo-se à identificação de classe que haveria entre MDB e parte da população, visão defendida por Bolívar Lamounier, não compartilhada por autores como Eliézer Oliveira e Cardoso.<sup>7</sup>

Há também a interpretação de Wanderley Guilherme dos Santos, menos comum nos autores com que trabalhamos, mas nem por isso descartável. Essa interpretação se baseia quase inteiramente em resultados eleitorais anteriores. Busca traçar um perfil do comportamento eleitoral

4 Maria D’Alva Gil Kinzo, “O legado oposicionista do MDB, o partido do Movimento Democrático Brasileiro”, in: Gláucio Ary Dillon Soares e Maria Celina D’Araujo (Orgs.), *21 anos de regime militar: balanços e perspectivas*, Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1994, p. 142-153. A citação é da p. 148.

5 Maria D’Alva Gil Kinzo, *Oposição e autoritarismo, gênese e trajetória do MDB: 1966-1979*, São Paulo, Vértice, Revista dos Tribunais, 1988, p. 10.

6 Eliézer Rizzo de Oliveira, *De Geisel a Collor: forças armadas, transição e democracia*, Campinas, Papyrus, 1994, p. 56.

7 Fernando Henrique Cardoso apud: Wanderley Guilherme dos Santos, *Poder e política: crônica do autoritarismo brasileiro*, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1978, p. 57.

brasileiro e aponta que a eleição de 1970, e não a de 1974, é que seria atípica. A de 1974 teria sido uma eleição normal, tendo em vista o comportamento histórico dos brasileiros em eleições. Já a de 1970 teria sido anormal por ter se processado

em clima de intimidação generalizada, quando o braço repressivo do sistema estava criando fortes raízes na maquinaria governamental, face à luta que então desenvolvia contra ousados grupos de guerrilheiros urbanos. A política, no sentido mais usual da palavra, havia sido encoberta pela luta intensamente visível entre duas organizações militares. A propaganda oficial, ademais, repetia que o futuro do país estava na dependência do resultado de tal luta, que atingiu seu pico precisamente no período 1969-1972. Uma nova onda de cassações se havia seguido ao fechamento do congresso em 1968, o qual devia ser reaberto em 1970, após as eleições, e expurgado de seus membros considerados subversivos.<sup>8</sup>

A atividade política estava “degradada”, a apatia política disseminou-se entre as populações urbanas, sobretudo, e sem dúvida em primeiro lugar, entre o eleitorado da oposição, cujo partido chegou a abrigar até propostas de autodissolução.<sup>9</sup> O ano de 1970 teve as maiores taxas de abstenção, votos brancos e nulos da história brasileira. Segundo Wanderley Guilherme dos Santos, algumas estimativas não oficiais apontam que esses dados alcançaram um percentual de 50%. Assim,

apenas em relação aos resultados de 1970 é que os de 1974 podem aparecer como anormais, porém não tão enfaticamente se toma como ponto de referência as tendências históricas das disputas eleitorais no Brasil, já discutidas, e o quadro político mais geral, à época.<sup>10</sup>

Wanderley Guilherme dos Santos destaca alguns dos fatores que ajudam a explicar o resultado das eleições parlamentares de 1974: a tendência oposicionista do eleitorado, o equilíbrio e o ponto de desequilíbrio entre voto rural e urbano, o início da distensão e a consequente diminuição da censura e das cassações. O autor indica que esses resultados refletem o comportamento mais comum do eleitor quando este não está tão intimidado e o processo político não está tão desacreditado como estava em 1970, período

8 Santos, *Poder e política*, p. 116-117.

9 Santos, *Poder e política*, p. 116-117.

10 Santos, *Poder e política*, p. 116.

do auge dos “anos de chumbo”, quando a repressão estava em níveis bastante elevados.

O autor também indica que o governo “tanto quanto os políticos do partido arenista interpretaram mal os resultados das eleições de 1970. Eles pensaram que finalmente a ‘revolução’ obtivera espetacular apoio popular”.<sup>11</sup> Matérias como “Líderes regionais confirmam vitória da Arena”,<sup>12</sup> publicada mais de vinte dias antes das eleições, demonstram o excessivo otimismo que tomava conta deste partido em 1974. Não apenas a Arena se surpreendeu com os resultados; o MDB também, o que revela que, mesmo se Wanderley Guilherme dos Santos estiver correto em afirmar que os resultados revelaram um comportamento comum do eleitor brasileiro, isso não significa que tal resultado fosse esperado. Uma evidência da surpresa do MDB pode ser encontrada na matéria da primeira página do *Jornal da Bahia*, de 19 de novembro:

Está confirmado a realização de novas eleições nos Estados, do Paraná, Rio Grande do Norte, Pernambuco, e Paraíba, para preenchimento de vagas para deputado, em numero ainda não apurado. Isto porque a soma dos votos conferidos ao MDB excedeu em muito o quociente partidário, de modo a eleger todos os candidatos inscritos, com sobras para eleger outro ou outros mais.<sup>13</sup>

Embora os autores vejam suas interpretações como mutuamente excludentes, nós pensamos que elas apenas o são se forem levadas ao extremo. Ou seja, é perfeitamente possível entender essas interpretações como sendo complementares. As eleições de 1974 sinalizaram uma insatisfação popular para com o regime, mas elas também aconteceram em um clima que, embora ainda fosse de exceção, era menos repressivo do que o existente em 1970. Avaliamos que nem as eleições de 1974 significaram um repúdio total ao regime, nem podem ser explicadas inteiramente apenas por teorias como a da tendência oposicionista do eleitor brasileiro. Elas indicam uma relativa insatisfação, mas seus resultados somente são extraordinários se comparados com os de 1970. O problema de todas essas interpretações é levá-las ao extremo, tornando-as excludentes, supervalorizando um fator em detrimento dos outros.

11 Santos, *Poder e política*, p. 118.

12 *Jornal da Bahia*, 24/10/1974, p. 4.

13 *Jornal da Bahia*, 19/11/1974, p. 1.

Não duvidamos dos dados das pesquisas de opinião utilizadas como base da identificação com o MDB apontada por Lamounier e Kinzo, mas esses dados certamente possibilitam interpretações menos taxativas. Por exemplo, que a população urbana de classe média e mais pobre queria ver no MDB um partido que representasse a luta pela redemocratização, bem como os seus interesses de classe, já que a Arena não os iria representar. Porém, a artificialidade de um partido criado pelo regime, assim como a existência dos adesistas, noticiada pela imprensa, desencoraja a interpretação de que havia forte identificação com o partido como um todo. Não por acaso, Eliézer Rizzo, Cardoso e outros autores se distanciaram dessa interpretação, e alguns, como Wanderley Guilherme dos Santos, buscaram demonstrar que tal forte identificação não procedia, com o que tendemos a concordar.

Talvez apontar certa identificação de grupos urbanos com segmentos do MDB como o grupo autêntico, ou, por exemplo, a Ala Jovem do MDB, seja uma interpretação menos extrema, que busca em segmentos da sociedade identificação com divisões internas do MDB. Essa nos parece ser uma interpretação mais precisa. Certa identificação existia e foi de fato se intensificando. Pudemos observar isso ocorrendo na Bahia; porém, setores do MDB estiveram ao longo de todo o período do bipartidarismo aliados com a Arena, logo a ideia da identificação com o partido como um todo é mais difícil de sustentar. No caso baiano, os adesistas detiveram inclusive poder no diretório regional do MDB durante grande parte do período ditatorial. Nos centros urbanos do Brasil como um todo, setores do MDB se aproximaram de forças advindas da sociedade civil organizada. Entre esses grupos e segmentos da população, pudemos perceber uma forte identificação com a oposição ao regime militar.

Vale destacar que o debate acerca do significado das eleições de 1974 é complexo e está em aberto. Não compartilhamos a ênfase com que Lamounier indicou uma identificação popular com o MDB, especialmente o caráter classista dessa identificação. Porém, entendemos que procede a sua visão acerca do caráter plebiscitário das eleições de 1974.<sup>14</sup> Os trabalhos de Lamounier trazem ainda diversos outros elementos e dados que contribuem para a compreensão das eleições durante a ditadura militar. Por exemplo, a questão da institucionalização do regime militar e sua vocação para durar mesmo que não no domínio do executivo, assim como a questão do

14 Bolívar Lamounier, "O Brasil autoritário revisitado: o impacto das eleições sobre a abertura", in: A. Stepan (Org.), *Democratizando o Brasil*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 111.

“aparecimento de uma oposição vigorosa pela via eleitoral”.<sup>15</sup> Esse aspecto, inclusive, é inspirador para nós, já que foi justamente a oposição pela via eleitoral ao regime que inicialmente capturou nossa curiosidade.

## **Os resultados das eleições de 1974 na Bahia e sua relação com as clivagens partidárias**

Luiz Viana Filho, da Arena, venceu a disputa por uma vaga no Senado contra Clemens Sampaio, do MDB.<sup>16</sup> O primeiro recebeu 848.943 votos, e o candidato do MDB, 412.848; portanto, menos da metade do que o candidato da Arena conseguiu, na mesma eleição em que o MDB obteve uma vitória expressiva no nível nacional — dezesseis das vinte e duas cadeiras do Senado. A Arena baiana elegeu vinte e um deputados federais, enquanto o MDB fez apenas cinco. A Arena baiana fez quarenta e um deputados estaduais contra nove do MDB.<sup>17</sup> Em meio a um contexto nacional de crescimento do MDB, parlamentares arenistas baianos alegam que

A Bahia foi o Estado onde a Arena obteve a maior vitória nas eleições de 15 de novembro último, porquanto fez o senador e 21 deputados federais, contra Minas Gerais que fez 24 deputados, mas perdeu a senatoria. Eleitoralmente ficou em segundo lugar na soma do prestígio partidário.<sup>18</sup>

Obviamente essas declarações dos parlamentares arenistas visam adquirir capital político e benesses junto à Arena nacional, distinguindo seu sucesso nas eleições diante do fracasso do partido em outros estados, o que é uma estratégia de buscar acumular mais força política, como a matéria do jornal *A Tarde* bem apontava.

15 Lamounier, “O Brasil autoritário revisitado”, p. 84.

16 Uma das mais importantes lideranças políticas da Arena, Luiz Viana Filho foi governador da Bahia de 1967 a 1971. Em torno dele concentravam-se os chamados vianistas. Clemens Sampaio, por outro lado, sempre foi acusado de ser aliado de Antonio Carlos Magalhães, vindo a apoiá-lo publicamente quando saiu do partido, em 1978. Magalhães, também conhecido como ACM, era então o governador do estado (1971-1975) e uma das lideranças mais fortes da Arena na Bahia.

17 *A Tarde*, 11/12/1974, p. 3 publicou os resultados finais da eleição de 1974, na matéria “Resultados finais do pleito na Bahia”, depois de ter publicado anteriormente diversos resultados parciais devido a problemas na apuração, que a retardaram.

18 *A Tarde*, 10/12/1974, p. 1.

Uma das características das eleições parlamentares na Bahia foi a demora para a divulgação dos resultados finais, o que ocorreu apenas em 11 de dezembro, quase um mês após a votação. No dia 20 de novembro, o jornal *A Tarde* divulgava que, “marchando morosamente em seu quarto dia, a apuração do pleito do último dia 15 ainda não tem prazo determinado para o encerramento dos trabalhos”.<sup>19</sup> Uma das explicações para a lentidão foi fornecida pela empresa responsável pela totalização, a IBM: “Por seu turno, a IBM está reclamando que o tribunal está remetendo parcelas de 50 mapas de 4 em 4 horas, quando dispõe de material para computar 1.000 mapas por dia. Com isso, a marcha do pleito continua lenta”.<sup>20</sup> Essa lentidão levou à publicação de diversos boletins parciais.

A alta abstenção foi mais uma característica das eleições na Bahia e uma particularidade excepcional, já que no Brasil a taxa de abstenção caiu. *A Tribuna da Bahia* de 16 de novembro de 1974 tratou exatamente dessa questão. Primeiro abordou a abstenção, escrevendo que

Não se tem até agora uma previsão segura do índice de abstenção nas eleições de ontem na Bahia, mas setores políticos e da justiça eleitoral consideram confirmados os prognósticos pessimistas de uma média que, sem a menor dúvida, irá superar largamente as verificadas em pleitos anteriores. Embora difícil a previsão em nível estadual, setores ligados ao Tribunal Regional Eleitoral arriscavam-se a respeito da abstenção na capital. Essas fontes calculam que dos 425 mil eleitores inscritos, hajam comparecido às urnas apenas 240 a 270 mil, registrando-se uma abstenção que pode variar entre 37 a 44 por cento.<sup>21</sup>

A matéria citava como causas do fato o esvaziamento do conteúdo programático do debate político-eleitoral e, no interior do Estado, a não realização de pleito para escolha de prefeitos e vereadores, o que viria a ocorrer apenas em 1976, quando foram realizadas eleições municipais. A matéria descartava esses fatores como os principais, pois eles existiram em todo o país, chamando a atenção para

o reduzido índice de abstenção em São Paulo — 14 por cento, apenas — e em outras capitais de Estados, como Recife, Fortaleza, Porto Alegre, Florianópolis. Nestes Estados, nestas

19 *A Tarde*, 20/11/1974, p. 3.

20 *A Tarde*, 21/11/1974, p. 3.

21 *Tribuna da Bahia*, 16/11/1974, p. 2.

idades, houve campanha eleitoral e verdadeira disputa, discussão seria dos problemas nacionais. Na Bahia não houve. Os mais expressivos candidatos da oposição foram impedidos de comparecerem aos programas de propaganda no rádio e televisão, um grupo sem mensagem alguma passou a falar pelo MDB e as lutas internas imobilizaram o partido.<sup>22</sup>

Ou seja, a atuação do MDB adesista baiano teria sido um dos principais fatores que contribuíram para a alta taxa de abstenção na Bahia.<sup>23</sup> Embora o adesismo tenha sido um fenômeno nacional, o episódio baiano de limitação do espaço dos autênticos nos meios de comunicação tem uma especificidade local. Se esse tipo de atuação adesista ocorreu em outro estado, parece ter sido raro ou não deve ter tido grande destaque, já que os jornais baianos não fizeram referência a outros episódios semelhantes no País e seria lógico noticiar o fato, caso esse tipo de episódio não fosse específico da realidade política baiana. É possível que tenha ocorrido em algum outro estado, mas em nenhum momento encontramos referência a fatos análogos aos acontecimentos da Bahia.

Em suma, como o MDB autêntico era aquele que tinha maior penetração eleitoral, especialmente nas áreas mais urbanas, o fato de o candidato ao Senado não ser desse grupo partidário acabou desmotivando a militância da oposição.<sup>24</sup> Como Ary Guimarães e Wanderley Guilherme dos Santos apontam, são as eleições com caráter mais direto e que opõem situação e oposição as que mais motivam e tendem a diminuir a abstenção. Por isso no Senado, onde a disputa foi direta, o MDB conseguiu sua vitória mais expressiva nacionalmente.

Clemens Sampaio era do grupo adesista, grupo que não era encarado como oposição verdadeira. Logo, na Bahia, essa possibilidade de ver claramente o confronto situação versus oposição não se operou na votação para o cargo mais relevante em disputa direta na eleição de 1974. A

22 *Tribuna da Bahia*, 16/11/1974, p. 2.

23 O MDB adesista, ou moderado, como eles preferiam ser chamados, era aquele que fazia acordos com a Arena, apoiando, e sendo apoiado, por pessoas que apoiavam e participavam da ditadura militar. Na Bahia esse era o comportamento de alguns membros do MDB que, de forma independente, negociavam com a Arena, e também de um grupo de adesistas mais coesos e organizados sob a liderança de Ney Ferreira, o que é examinado com mais detalhes na sequência do artigo.

24 O MDB autêntico, ou ortodoxo, era aquele que de fato fazia oposição ao regime militar, e era composto por pessoas de diferentes extratos sociais, assim como diferentes perspectivas políticas, tendo em comum apenas a oposição à ditadura militar.

abstenção também foi tema na capa do *Jornal da Bahia*, que, após comentar a vitória de Luiz Viana para o Senado, escreveu sobre a abstenção que “o comportamento do eleitorado de Salvador nas primeiras urnas abertas indica que as eleições de 74 vão registrar um dos mais altos índices de abstenção dos últimos anos”.<sup>25</sup>

A campanha de Clemens Sampaio ao Senado foi marcada por acusações, fossem as do MDB autêntico, de que ele teria impedido seus membros de utilizar os meios de comunicação, fossem as que o próprio Sampaio dirigiu a Luiz Viana Filho. *A Tarde* dedicou, inclusive, dois editoriais para condenar as atitudes de Clemens Sampaio. Em um deles, acusava o candidato de levar a campanha para o campo pessoal, diferentemente da atitude da oposição em outros estados, que debatia questões legítimas.<sup>26</sup> O editorial “A Bahia estarecida” continuava condenando a forma com que o candidato do MDB ao Senado conduziu sua campanha, mencionando o processo por calúnia impetrado pelo ex-governador Luiz Viana Filho.<sup>27</sup> Mas não foi só *A Tarde*, jornal mais conservador, que atacou o candidato do MDB adesista ao Senado. O *Jornal da Bahia*, por exemplo, apontou o fato de Clemens Sampaio estar sendo processado: “A PROCURADORIA geral da República na Bahia recebeu, na última segunda-feira, queixa-crime apresentada pelo ex-governador Luiz Viana Filho contra o Sr. Clemens Sampaio”.<sup>28</sup> Em outra coluna, “Clemens vai depor na Polícia Federal”, indicava que a causa do processo movido por Luiz Viana Filho fora o “pronunciamento feito pelo emedebista através da TV no último dia 3, quando atacou duramente a honra pessoal do candidato arenista”.<sup>29</sup>

Até mesmo uma ficha policial do candidato Clemens Sampaio iria ser lida no programa eleitoral pelo deputado da Arena Dílson Nogueira, mas essa leitura foi suspensa, como apontou reportagem do jornal *A Tarde*.<sup>30</sup> Aliás, a capacidade de Clemens Sampaio para suspender a desqualificação de sua imagem pública em programa eleitoral reforça a tese dos editoriais do *Jornal da Bahia*, de que ele estaria sendo apoiado por Antonio Carlos Magalhães, contra o grupo arenista que lhe fazia oposição. Isso porque o

25 *Jornal da Bahia*, 17/11/1974, p. 1.

26 *A Tarde*, 12/11/1974, p. 1.

27 *A Tarde*, 13/11/1974, p. 1.

28 *Jornal da Bahia*, 06/11/1974, p. 2.

29 *Jornal da Bahia*, 07/11/1974, p. 2.

30 *A Tarde*, 09/11/1974, p. 3.

político do MDB não tinha grande expressão, e é difícil imaginar que tivesse mais poder junto à justiça eleitoral do que lideranças da Arena baiana.<sup>31</sup>

Outro aspecto excepcional das eleições na Bahia foi a derrota de Clemens Sampaio do MDB em Salvador. Havia vinte e quatro anos que a oposição não era derrotada na capital. Em 18 de novembro, Clemens Sampaio admitiu “que pela primeira vez em vinte e quatro anos a oposição perde em Salvador”. Essa “previsão”, já que a apuração não tinha terminado, confirmou-se com a divulgação dos resultados finais.<sup>32</sup>

Após as eleições, ficou clara a preocupação do MDB e da Arena com as eleições municipais de 1976. O MDB tinha a expectativa de fazer maioria na Câmara Municipal de Salvador e chegou à conclusão de que “os deputados que tiveram grande votação em Salvador devem se candidatar a vereador, porque não perdem o mandato. Se forem eleitos renunciarão abrindo vaga para suplentes”.<sup>33</sup> Percebe-se que, além da expectativa para 1976, o MDB baiano autêntico já estava montando uma estratégia para não repetir o fracasso de 1974. A estratégia consistia em utilizar os nomes que já tinham angariado algum apoio para conquistar maioria na câmara de vereadores, já que a escassez de nomes de peso no MDB e a fraqueza estrutural do partido dificultavam que ele lançasse políticos pouco conhecidos, que nesse contexto dificilmente conseguiriam se eleger.

A Arena e Roberto Santos, especialmente, mostravam-se preocupados com as eleições de 1976.<sup>34</sup> Roberto Santos chegou a dizer que considerava uma de suas principais tarefas a partir de então “cuidar das eleições municipais que se realizam daqui a dois anos, para as quais devemos estar atentos desde já”. Embora o então governador credite a vitória da Arena à “união partidária” na mesma matéria, essa união na Arena não existia, ou pelo menos não havia entre carlistas e o grupo que o apoiou. O então governador detectou os riscos de uma derrota na capital e o que isso poderia significar para sua administração, pois, embora o MDB tenha saído

31 Analisamos essa questão da aliança provável entre os carlistas e o MDB adeso ao longo da dissertação *Clivagens Partidárias: Arena e MDB baianos em tempos de distensão (1974-79)*, Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, [http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/Dissertacao\\_Andre\\_Teixeira\\_Jacobina.pdf](http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/Dissertacao_Andre_Teixeira_Jacobina.pdf), acesso em 22/12/2010.

32 *Jornal da Bahia*, 18/11/1974.

33 *A Tarde*, 22/11/1974, p. 3.

34 Nova liderança do partido, Roberto Santos se tornou governador da Bahia pela Arena em 1975. Viria a formar seu próprio grupo, os robertistas.

derrotado na Bahia, nacionalmente o partido cresceu, o que poderia levar à “natural tendência da oposição de pensar em promover seu fortalecimento” inclusive na política baiana.<sup>35</sup>

O contexto pós-eleições foi palco também de disputas pela imputação de responsabilidade pela vitória da Arena e derrota do MDB. Enquanto ACM reivindicava ser obra sua a vitória da Arena baiana, membros da Arena dissidente apontavam o novo governador Roberto Santos e o então senador Luiz Viana Filho como os responsáveis pelo sucesso do partido. Já o MDB autêntico acusava a atuação do MDB adesista pela derrota sofrida e responsabilizava dispositivos do regime que favoreciam a situação. Na Assembleia Legislativa, o líder da maioria, Orlando Spínola, aproveitou as eleições para defender o regime, dizendo: “Estas lutas democráticas, sem nenhuma dúvida fortalecem o nosso regime. Elas criam forças novas para a nossa Democracia”.<sup>36</sup>

Ary Guimarães, que estudou as eleições na Bahia nesse período, escreveu que o clima geral era de

descrédito ao Legislativo, bem como à chamada classe política. Verdade que os efeitos disso se fizeram sentir não só em relação ao MDB, mas também contra a Arena. Refletiram-se no desânimo popular frente as eleições, como também tiraram dos candidatos a postos legislativos muito do antigo entusiasmo com que pretendiam, anteriormente, vitória nas urnas. A apatia do eleitorado frente à eleição foi, em verdade, generalizada.<sup>37</sup>

Outro fator essencial para a derrota do MDB foi que seu diretório central estava “entregue aos chamados ‘adesistas’”.<sup>38</sup> O interessante nesse quadro é que Ary Guimarães não escrevia sobre 1974, como poderíamos imaginar, e sim sobre 1970. No entanto, vemos três características centrais, que permaneceram: a apatia generalizada evidenciada pelas altas taxas de abstenção, o problema dos dispositivos do governo e a atuação do grupo adesista.

35 *Tribuna da Bahia*, 21/11/1974, p. 2.

36 “Sessão de 2 de fevereiro de 1975” in: *Diário da Assembleia Legislativa da Bahia*, 14/02/1975.

37 Ary Guimarães, *As eleições baianas de 1970*, Salvador, Centro Editorial da UFBA, 1970, cap. I e XI, p. 269.

38 Guimarães, *As eleições baianas de 1970*, p. 282.

Não estamos afirmando que o quadro configurado em 74 reproduziu as eleições de 70 na Bahia. Afinal, história não se repete. O termo “Frente Tardia”, utilizado por Paulo Fábio Dantas Neto para caracterizar a demora com a qual o MDB e forças da sociedade civil na Bahia se integraram à mobilização pelo restabelecimento da democracia é, por isso, especialmente feliz. Pois as eleições de 74 ainda conservaram várias características importantes presentes em 70, as quais explicam, em grande medida, a vitória da Arena baiana e a razão pela qual essa frente tardou a se formar e atuar de forma mais incisiva na Bahia. Dantas Neto se refere à demora dessa frente em ter efeitos eleitorais, não à existência de oposição, pois mesmo antes de 74 já havia oposição. No entanto, na Bahia, apenas a partir de 76 é que essa frente de oposição baiana iria colher frutos mais significativos nas eleições.

### **As eleições de 1974 deixam mais evidentes as disputas entre as clivagens partidárias**

As desavenças entre o MDB autêntico e o adesista e entre a Arena carlista e não carlista ocuparam parte da imprensa antes das eleições de 1974.<sup>39</sup> No MDB grassava a disputa pelo horário eleitoral na televisão e rádio, por isso o

MDB baiano não consegue mesmo uma paz duradoura e agora já se esboça nova crise entre as alas dissidentes do partido, desta vez causada pela utilização do horário gratuito na Televisão. O Sr. Clemens Sampaio (adesista) disse ao deputado Antonio José Nascimento (ortodoxo) que ele não falará na TV enquanto o Diretório de Conquista não prestar apoio ao candidato do senado pelo MDB.<sup>40</sup>

Vale lembrar que “ortodoxo” era outro nome para o grupo autêntico do MDB, utilizado, por exemplo, por Ary Guimarães. O grupo

39 Em 1974 as tendências não carlistas — os juracistas, os vianistas e os lomantistas — estavam aliadas, por isso faz sentido agrupá-las. Posteriormente ACM conseguiria se reaproximar dessas lideranças da Arena, algo examinado em mais detalhes na nossa dissertação já citada. Juracy Magalhães era uma liderança da Arena e havia governado a Bahia, na década de 1930, inicialmente como interventor do Estado Novo. Ao longo do seu governo e posteriormente foi montando o grupo que se denominada de juracista. Os lomantistas agrupavam-se em torno a Lomanto Junior, uma liderança da Arena que foi, como os demais líderes, governador da Bahia.

40 *Jornal da Bahia*, 02/10/1974, p. 3.

dissidente da Arena acusou ACM de perseguição aos seus candidatos, e esse tema repercutiu também na imprensa local e nacional:

As pressões e os desmandos do governador Antonio Carlos Magalhães contra os candidatos às eleições de 15 de novembro que não pertencem ao seu esquema político já começam a repercutir negativamente na imprensa nacional. O jornal O Estado de São Paulo, por exemplo, publicou quinta-feira passada a seguinte nota 'Candidatos do MDB da Bahia e da Ala arenista que não seguem orientação do governador Antonio Carlos Magalhães estão denunciado perseguições políticas, transferências de delegados de policia, de professores e de ocupantes de cargos de chefia no funcionalismo público'.<sup>41</sup>

Na verdade, o tema da utilização do horário gratuito nos meios de comunicação foi recorrente na imprensa, e o grupo autêntico chegou a acionar o Tribunal Regional Eleitoral (TRE) visando uma solução para os problemas que enfrentava. O presidente do TRE, desembargador Arivaldo Andrade, teria passado toda a tarde do dia 8 de novembro "em contacto com o Tribunal Superior Eleitoral, a fim de solucionar o impasse criado na Bahia com o Grupo Autêntico do MDB exigindo direito de falar na televisão".<sup>42</sup> Essa acusação que pesava sobre o grupo adesista também foi veiculada por *A Tarde*, segundo o qual as razões para a censura foram "imposições e exigências do organizador da programação do Partido, que entre outras coisas força elogios ao candidato do partido ao Senado e não admite determinadas críticas, numa espécie de 'carta marcada' de censura".<sup>43</sup> Entre essas exigências, deviam-se encontrar restrições a criticar ACM, pois Clemens Sampaio realizou uma campanha de ataques a Luiz Viana e, simultaneamente, manteve silêncio em relação a ACM. A Arena não carlista, que tinha suas divisões, era muito mais crítica a ACM do que o grupo adesista do MDB.

A derrota do MDB baiano levou o partido a buscar se reorganizar, com o MDB autêntico começando a tentar afastar os adesistas do poder. O objetivo do MDB autêntico baiano era a dissolução do Diretório Regional, dominado pelos adesistas, o que, aliás, Ary Guimarães já havia apontado. Outro objetivo conectado era a expulsão de adesistas como Clemens Sampaio

41 *Jornal da Bahia*, 15/10/1974, p. 4.

42 *Jornal da Bahia*, 09/11/1974, p. 2.

43 *A Tarde*, 11/11/1974, p. 3.

e Ney Ferreira.<sup>44</sup> Se, na Bahia, os autênticos foram derrotados, no Brasil, especialmente nos centros urbanos, estavam crescendo em número, e já em 1974 os autênticos baianos buscam se apoiar no crescimento nacional do MDB para afastar os adesistas do poder na Bahia. Pouco após as eleições, o MDB baiano “pediu à direção nacional da Oposição que intervenha e dissolva o Diretório Regional do MDB na Bahia, face ‘à conduta irregular e antipartidária dos Srs. Clemens Sampaio e Francisco Nei Ferreira’”.<sup>45</sup>

Depois de comentar sobre a possibilidade de expulsão dos adesistas, a matéria do *Jornal da Bahia* chamava atenção para outro ponto de conflito entre os dois grupos do MDB: a oposição ao governo estadual. Em suma:

A ordem era não fazer oposição de espécie alguma. Mais especificamente ao Governo Estadual. Este era o compromisso de honra. O Sr. Clemens Sampaio já era conhecido em todo o Estado, não como o candidato do MDB, mas sim como o candidato do Governador.<sup>46</sup>

Consumada a derrota do MDB baiano, resta analisar as causas do fato, diante de um cenário nacionalmente favorável ao crescimento do MDB. Membros da imprensa e do próprio partido, no período pós-eleição, já esboçavam explicações, como se pode ver na seguinte matéria da *Tribuna da Bahia*, comentando que a Bahia foi

o único Estado politicamente importante em que o MDB, até a noite de ontem, perdia as eleições para senado e não surpreendia a Arena com a conquista de numerosas cadeiras na Assembleia Legislativa e Câmara Federal. Considerando o panorama nacional das apurações, o fracasso do MDB da Bahia aparece como uma exceção e suas causas devem ser buscadas na notória incapacidade do próprio partido no âmbito regional. Esfacelado, deixado ao abandono pela direção nacional, dominado por um grupo ao qual o eleitorado se vem mostrando refratário através de eleições sucessivas, o MDB obteve precisamente aquilo que tanto se esforçou: a derrota.<sup>47</sup>

44 Ney Ferreira era a liderança maior dos adesistas na capital. Nossa pesquisa, na dissertação já citada, aponta que ele era aliado de ACM. Ney Ferreira liderava o grupo de adesistas que era mais coeso, cujo comportamento era mais previsível. Existiram também políticos, fora do seu grupo de influência, que tiveram comportamento adesista ao longo da distensão.

45 *Jornal da Bahia*, 13/12/1974, p. 3.

46 *Jornal da Bahia*, 13/12/1974, p. 3.

47 *Tribuna da Bahia*, 18/11/1974, p. 2.

Membros do MDB consideram que outros fatores teriam contribuído para a derrota sofrida. Assim, marcaram para o dia 11 de janeiro, em Vitória da Conquista, uma reunião daqueles que pretendiam reestruturar o partido na Bahia. A seu ver, “a não divulgação de um programa específico foi um dos fatores do fracasso do MDB no Estado”. Segundo essa mesma reportagem, para Clodoaldo Campos, líder do MDB na Assembleia, era importante conscientizar o povo antes dos períodos eleitorais “através de um plano que interiorize o partido e leve a todo o povo informações sobre suas proposições e programas”.<sup>48</sup>

Antecipando os acontecimentos, escreveu Carlos Castelo Branco:

Na Bahia não há problema eleitoral, a não ser o da escala do voto nulo e do voto em branco. O MDB, dividido, foi desestimulado a luta pela condenação do ex-deputado Francisco Pinto e pela escolha, como candidato a senador, de um dos cabeças da ala colaboracionista do Partido.<sup>49</sup>

Em seguida, mencionou os méritos da escolha da Arena de Luiz Viana Filho e afirmou que a Arena venceria:

ainda que o MDB tivesse um candidato adequado, não conseguiria enfrentar no Estado a Arena, que tem ali não só a bandeira dos êxitos administrativos da Revolução, mas também a bandeira estadual dos êxitos administrativos dos sucessivos governos locais, entre os quais se destacam precisamente os dois últimos.<sup>50</sup>

Ele se referia ao caráter desenvolvimentista dos governos de Luiz Viana Filho e ACM. A existência dessa percepção, especialmente em relação a ACM, foi uma imagem que se criou desde seus tempos de prefeito, quando foi chamado do “Pelé branco das construções”.

Entre os fatores responsáveis pela derrota da oposição, a questão da sublegenda merece exame e análise mais detalhados. Nas eleições de 1970, Ary Guimarães afirma que o mecanismo foi um fator que favoreceu a Arena e expressa:

48 *A Tarde*, 20/12/1974, p. 3.

49 *A Tarde*, 08/11/1974, p. 3.

50 *A Tarde*, 08/11/1974, p. 3.

Dizia-se que a sublegenda multiplicava a Arena por três, possibilitando a convivência, no mesmo partido, de grupos opostos, e assim tirando ao MDB a possibilidade de, aproveitando esses atritos, organizar-se em vários municípios. Nesse sentido, a queixa emedebista procede, e é importante. Não é, entretanto, razão explicativa dominante para seu insucesso, embora seja das mais fortes.<sup>51</sup>

Havia divisões tanto na Arena quanto no MDB e existiam conflitos entre os diferentes grupos de ambos os partidos. Nesse sentido, cabe analisar por que a divisão favoreceu a Arena, já que uma divisão no MDB era entendida como um dos fatores do insucesso eleitoral em 1974. Em outras palavras, como a disputa entre carlistas, juracisistas, lomantistas e vianistas pôde ajudar a Arena, enquanto a disputa entre MDB autêntico e adesista prejudicou o MDB? Uma lógica mais simplista, sem examinar as características das clivagens, tenderia a indicar que as divisões ou teriam prejudicado a ambos os partidos, ou ajudado a ambos. Ary Guimarães examina a questão e escreve que

trazia ela [a Arena] a perpetuação do clima de desunião entre grupos que representavam, ainda hoje em dia, os antigos partidos políticos, atrasando o objetivo de tornar-se um partido unívoco e minando sua disciplina interna, só em menor número de casos (e é até discutível se) repercutiu desfavoravelmente sobre as eleições municipais. Menos ainda, sobre as estaduais e federais (no caso de um grupo dissidente do partido fazer campanha contra o candidato mais prestigiado em determinado município, que foi muito raro. Quanto ao MDB, entretanto, seus efeitos foram muito mais danosos: partido com quadros reduzidos, não conseguia formar sublegendas a não ser muito raramente, e a participação da Arena muitas vezes o impediu de organizar-se. Por isso, multiplicavam-se as possibilidades de vitória para o partido do governo.<sup>52</sup>

Em 1974 houve perseguições na Arena, mas é difícil determinar se houve repercussão negativa para o partido — os resultados das eleições sugerem que não.

O processo da chegada de Roberto Santos ao governo do Estado é relevante para compreender o jogo do poder na Arena baiana no período. Três grupos arenistas, em 1974, estavam aliados: o de Luiz Viana Filho, o de Juracy Magalhães — então representado na Assembleia por seu filho Jutahy

51 Guimarães, *As eleições baianas de 1970*, p. 271.

52 Guimarães, *As eleições baianas de 1970*, p. 271-272.

Magalhães — e, alinhado posteriormente, o de Lomanto Junior (o que nos foi informado por Roberto Santos em entrevista e confirmado pela leitura dos jornais).<sup>53</sup> Para cada grupo o nome de Roberto Santos era aceitável, mesmo que não fosse o nome preferido de nenhum deles. Decorrente disso, houve a aliança em torno do seu nome para o Governo da Bahia e do de Luiz Viana Filho para o Senado, em oposição à indicação de Clériston Andrade feita por ACM ao Governo do Estado. Este, no final do processo, chegou a declarar apoio a Roberto Santos, mas isso foi interpretado como uma manobra política, para minimizar a derrota que havia sofrido.

Em nossa análise, é possível considerar que as divisões da Arena contribuíram para sua vitória, enquanto as divisões do MDB o prejudicaram, devido ao tipo de clivagem verificada em cada um dos partidos. Enquanto na Arena as divisões estavam mais ligadas à questão do poder e da lealdade em relação a determinada liderança política, como ACM, Juracy Magalhães ou Lomanto Junior, no MDB a divisão se deu por diferença de projeto ou por divergência de conduta. Ou seja, enquanto a disputa na Arena era mais marcada por uma competição de elites entre as quais alianças circunstanciais eram possíveis, a disputa no MDB se dava entre grupos completamente antagônicos, em que qualquer aliança parecia quase sempre impossível. O MDB autêntico queria expulsar os membros do MDB adesista justamente pelas dificuldades que esses lhe impunham.

A disputa na Arena levou a alianças que isolaram apenas ACM. Como partido no governo, a Arena contava ainda com inúmeras facilidades que a levaram à vitória. Essas facilidades não existiam para o MDB, e o apoio de parte dos seus membros a forças que procuravam derrotar o afastava perigosamente do eleitorado que tinha como missão mobilizar. A natureza ideológica das fraturas do MDB transparece na simbologia das denominações autêntico/ortodoxo e adesista/moderado.

Na Bahia, o caráter colaboracionista dos emedebistas adesistas era frequente denunciado através da imprensa. Para o *Jornal da Bahia*, “sabe-se perfeitamente que o mentor ‘intelectual’ do grupo adesista é o senhor Antonio Carlos Magalhães. Ele tinha a consciência que a ida de um autêntico à rádio ou televisão implicaria em críticas a sua administração”.<sup>54</sup> O próprio MDB confirmou a aliança entre carlistas e adesistas, quando Viera de Melo

53 Roberto Figueira Santos, *Entrevista cedida ao autor*, Salvador, 19/09/2009.

54 *Jornal da Bahia*, 13/11/1974, p. 2.

informou que “diversos candidatos foram alijados dos programas de rádio e televisão e que a ordem era a de não fazer oposição ao Governo do Estado”, reforçando a ideia de que ACM teria parte na infiltração dos adesistas no MDB e que por isso esses deveriam atacar as demais facções da Arena, mas não seu governo. Isso explicaria também a razão pela qual os adesistas trabalharam tão arduamente para evitar que o MDB autêntico atacasse o governo do estado, ainda controlado por ACM durante o período das eleições.<sup>55</sup>

A fim de compreender a dinâmica interna da Arena, não apenas no ano das eleições, mas nos anos seguintes, é importante mencionar algumas declarações do novo governador do estado, que à primeira vista parecem contraditórias. Primeiro, em reportagem publicada em 25 de outubro, Roberto Santos diz que seu objetivo era uma “Arena unida, em que todos se respeitem mutuamente”.<sup>56</sup> Em 22 de novembro, ele afirmava que “a principal razão da vitória da Arena foi a convergência de todas as correntes do Partido para o objetivo maior: a vitória de seus candidatos, sobretudo na eleição majoritária”.<sup>57</sup> Essas declarações podem parecer contraditórias, afinal, se sua missão como governador era unir a Arena, como em menos de um mês pôde a Arena ter vencido porque estava unida? Essa segunda declaração pode ser creditada a uma estratégia política, de buscar agregar forças minimizando possíveis desavenças.

Podemos expor uma interpretação alternativa a essas duas declarações do governador. No primeiro momento, Roberto Santos indicava a necessidade de unir a Arena, pois ele percebia sua divisão. Mais tarde, quando dizia que a razão da vitória da Arena fora a sua união, ele se referia ao apoio que teve de Juracy Magalhães e, por consequência, de seu filho Jutahy Magalhães, bem como o apoio de Lomanto Júnior e, principalmente, de Luis Viana Filho. ACM, que já era uma das lideranças mais relevantes da Arena, não fez parte da aliança que apoiou a indicação de Roberto Santos, e, apenas quando sua escolha foi definida, declarou seu apoio ao candidato — uma declaração com muito mais fins políticos do que indicativa de sua posição, que foi defender até o fim a indicação de Clériston Andrade.<sup>58</sup>

55 *Jornal da Bahia*, 13/11/1974, p. 1. Sobre o assunto, ver também 19/11/1974, p. 2 e 29/11/1974, p. 3.

56 *Tribuna da Bahia*, 25/10/1974, p. 2.

57 *A Tarde*, 22/11/1974, p. 1.

A matéria do jornal *A Tarde* “Apoio decidido de Lomanto completa coesão da Arena” ilustra bem essa união entre Roberto Santos e os grupos não carlistas. Embora a reportagem indique que essa aliança se deu “em favor da unidade do Partido, agora inteiramente coeso”, não vemos como isso pode ter acontecido, já que a Arena não carlista chegou a acusar ACM de perseguir seus candidatos, o que é evidência fortíssima de que essa coesão não foi total.<sup>59</sup>

O editor do Jornal da Bahia diz aproximadamente o mesmo:

A verdade é que as eleições de 15 de novembro conseguiram reunir num mesmo grupo arenista todas as lideranças partidárias, menos o Sr. Antonio Carlos Magalhães. O seu afastamento da campanha política era previsto diante da sua impopularidade. Apenas um fato revolta os próprios arenistas; o Sr. Antonio Carlos Magalhães fez o possível e impossível para derrotar o ex-governador Luis Viana Filho e as demais lideranças arenistas.<sup>60</sup>

A despeito da oposição e do viés do jornal em relação a ACM, consideramos que sua análise no essencial foi precisa. O *Jornal da Bahia* retornou ao tema na coluna “Um ‘Olé Eleitoral””, na qual reafirmava que ACM perseguiu os membros da Arena não carlista e que essa perseguição foi mal sucedida, pois Jutahy Magalhães, Leur Lomanto e Luiz Viana Neto, filhos dos ex-governadores Juracy Magalhães, Lomanto Junior e Luís Viana Filho, respectivamente, foram eleitos, mesmo sendo seus adversários políticos naquele período.<sup>61</sup>

Roberto Santos, sabedor dessas divisões, ao mesmo tempo em que elogiou as alianças e seu papel na vitória da Arena, tinha consciência de que elas não iriam desaparecer e de que ACM disputava com ele e com outras lideranças a hegemonia na Arena baiana. Como havia certa unidade entre as tendências não carlistas, que se haviam aliado antes mesmo da eleição de 1974, sendo Lomanto Junior o último a integrar-se, é compreensível que vissemos a Arena não carlista, ao menos inicialmente, como um grupo único, o que certamente não era.

58 Clériston Andrade havia sido prefeito de Salvador ao mesmo tempo em que ACM era governador da Bahia, e era um aliado em quem ACM confiava.

59 *A Tarde*, 05/11/1974, p. 3.

60 *Jornal da Bahia*, 12/11/1974, p. 2.

61 *Jornal da Bahia*, 24/11/1974, p. 2.

## Considerações finais

A derrota do MDB na Bahia pode e deve ser vista em grande medida como a derrota do grupo autêntico baiano em 1974. O MDB adesista, apesar da derrota fragorosa do partido, inclusive na capital, teve em Ney Ferreira o deputado federal do MDB mais votado no estado, com 53.233 votos.<sup>62</sup> Ney Ferreira era a liderança do grupo adesista mais coeso — já que o adesismo não se resume ao grupo liderado por ele, mas foi um comportamento adotado por políticos que não necessariamente faziam parte de seu grupo, mas que negociavam com a Arena. Ney Ferreira entretanto liderava um grupo de adesistas cujo comportamento era mais previsível, cujos votos ele poderia garantir na Assembleia, na Câmara Municipal ou no Congresso. A derrota levou os autênticos, por sua vez, a uma reorganização.

As eleições de 1974 foram palco do grande crescimento do MDB nacionalmente; na Bahia, ao contrário, foram claramente desfavoráveis ao MDB e aos autênticos baianos. Porém, a eleição de pessoas como Hildérico Oliveira para a Câmara Federal forneceu um alento e manteve viva a busca por reorganização de forças contra os adesistas.<sup>63</sup> Em 1976, essa busca por reorganização e fortalecimento resultou na forte atuação da Ala Jovem do MDB, uma organização de origem estudantil ligada a partidos de esquerda, que tem papel relevante, eleitoralmente, no fortalecimento dos autênticos.

Na Arena, ACM saiu derrotado ao indicar Clériston Andrade e insistir nessa indicação, tendo em vista que as três outras lideranças arenistas — Luiz Viana Filho, Juracy Magalhães e Lomanto Junior — acabaram apoiando e indicando Roberto Santos, que viria a se tornar a maior figura de oposição a ACM no partido. Apesar disso, a Arena foi amplamente vitoriosa na Bahia. E, devido à atuação do MDB adesista e a uma série de fatores, a Bahia apareceu como um caso incomum no quadro político brasileiro de 1974, pois, diante do maior crescimento do MDB nacionalmente, a Arena baiana obteve uma das suas maiores vitórias eleitorais.

A atuação do grupo adesista criou feridas profundas no MDB. Os autênticos, a partir daquele momento, começaram a se mobilizar para

62 *Tribuna da Bahia*, 11/12/1974, p. 9.

63 Hildérico Oliveira foi, em nossa avaliação, o deputado estadual do MDB autêntico que com maior clareza e intensidade fez oposição ao autoritarismo do regime militar. Essa atuação na Assembleia Legislativa no início da década de 1970 contribuiu para que fosse eleito deputado federal, em 1974.

expulsar os adesistas ou diminuir seu poder e influência. Em 1976, com a vitória na Câmara de Vereadores, a atuação da Ala Jovem e participação de movimentos sociais, o MDB começou a trilhar o caminho para impedir que os adesistas, em especial o grupo de Ney Ferreira, continuassem no poder no partido. A partir da capital, mas buscando forças no interior, começou a crescer e a se aproveitar do momento favorável — algo que, em 1974, devido a especificidades locais, como vimos, o MDB autêntico baiano não conseguiu.

---

recebido em 27/12/2010 • aprovado em 23/03/2011